

# POR UM MUNDO (CORPORATIVO) MELHOR

*Quarenta crônicas sobre a sobrevivência dentro das corporações, entre chefes mal-humorados, ameaça constante de demissão e a impessoalidade dos crachás*

NO MUNDO CORPORATIVO, FALA-SE muito em mudar as relações entre capital e trabalho. Mas, em geral, há um grande abismo entre o discurso e a prática. Em *Oh, Mundo Cãoporativo!, Lições e Reflexões*, da editora Qualitymark, Jerônimo Mendes trata de relações humanas e ética no trabalho. São 40 crônicas sobre as agruras do ambiente profissional. Ao mesmo tempo em que distraem, fazem pensar.

A leitura de Jerônimo Mendes, professor universitário, palestrante e administrador de empresas formado pela Faculdade Católica de Administração e Economia de Santa Catarina, serve de alento a funcionários frustrados ou em crise de identidade profissional. Mas também é indicada para chefes, na tentativa de acender uma luz de esperança de um mundo melhor. Pelo menos, o corporativo.

O texto leve, informal e até engraçado instiga ao debate, nem que seja na hora do cafezinho. Mas há informações que devem ser levadas a sério pelas empresas. Por exemplo, no mundo *cãoporativo*, vive-se uma guerra de nervos que faz 160 milhões de vítimas por ano, segundo relatório da ONU sobre doenças associadas ao estresse.

Uma crônica sobre Capitalismo Gerencial traz dados que ajudam a encontrar uma resposta para isso. Pesquisas recentes nos Estados Unidos mostraram que 97% dos adultos querem mais flexibilidade no trabalho para conciliar os interesses profissionais e particulares em busca de melhor qualidade de vida e satisfação pessoal. Mas as corporações vão pelo caminho contrário e exigem que o profissional trabalhe cada vez mais, com exclusividade e abdicação da família em prol dos resultados.

Com passagens por empresas como Klabin, Bamerindus, Brahma, Texaco, Volvo e CSN, Jerônimo Men-



*Oh, Mundo Cãoporativo!, Lições e Reflexões*  
De Jerônimo Mendes,  
Editora Qualitymark, 2005,  
196 páginas, R\$ 40,00

des já sentiu na pele os efeitos de uma demissão. E escreve, com humor, sobre a “demissão responsável”. Os 25 anos de carreira são a bagagem para o autor falar com propriedade sobre outro assunto: a separação entre vida profissional e particular. Quem acha isso possível “deve ser completamente desprovido de hormônios”.

Mendes diz que não há emprego seguro, muito menos o ideal. Ele afirma que as empresas evoluíram no campo tecnológico, mas pouco nas relações humanas. Os empregados trataram de progredir, mas continuam sendo tratados como números, e anos de estudo vão por água abaixo. O uso do crachá ganha valor e o sobrenome é substituído pelo nome da empresa. “Fulano de onde?”, perguntam secretárias, à espera de uma marca e não um sobrenome.

“As grandes empresas são carentes de mentes inovadoras e ousadas, inclinadas a quebrar paradigmas, correr riscos, dispostas a oxigenar o falido capitalismo gerencial que não favorece o esforço individual, muito menos o reconhece”, diz o autor no livro. No mundo corporativo, discute-se o tempo todo e perde-se a oportunidade de fazer o bem.

Há uma crônica dedicada aos chefes, que não são poupados das tiradas bem-humoradas do autor. Segundo Mendes, o ser humano ainda sofre para lidar com pessoas e estreitar o relacionamento no ambiente das organizações. O autor diz que nem todos os chefes são brutais, “apenas 90%”, e que três em cada dez sofrem de mau humor. Do outro lado, o instinto de sobrevivência faz o funcionário não desistir. E tome lição: errar é desumano e pode acabar em demissão. Nesse mundo cão, manda quem pode, obedece quem precisa. Quem tem juízo cai fora.

*Fernanda Paraguassu, jornalista.*